

A Relação de Objeto e as Estruturas Freudianas – Lacan: articulações sobre o Seminário de 20 de março de 1957.

Taciana Mafra

Lacan inicia o seminário do dia 20 de março de 1957 com um de seus combates a um público enigmático, leitor de um artigo seu, que aborda a questão do "acaso". Contesta, contrariado no início de sua fala, a incompreensão do seu artigo onde lhe atribuem a negação do acaso.

Como lhe é próprio, remete todos a uma nova leitura desse texto e anuncia que não voltará à análise dessa questão embora o que será tratado neste Seminário retoma o assunto.

Tentei recorrer a alguns textos de Lacan onde essa questão está posta, no sentido da construção sobre o problema do acaso, porquanto parte daí para a articulação desse Seminário.

Na Introdução à "Carta Roubada" escreveu:

"O homem, literalmente, dedica seu tempo a desdobrar a alternativa estrutural em que a presença e a ausência tomam uma da outra seu apelo. É no momento de sua conjunção essencial, e por assim dizer no ponto zero do desejo, que o objeto humano cai sob o golpe da dificuldade, que, anulando sua propriedade natural, o subjuga doravante às condições do símbolo".

Desta forma aponta para a primazia do significante dado a partir de seus significados inapreensíveis embora postos em jogo enquanto elementos, constituindo uma certa determinação, que destitui um puro acaso. A isso ele chama em seu texto de "um certo passo mínimo".

No Seminário 2 discute a respeito:

"Pois, é justamente o que tende a revelar-se nos fatos, mostrando que pelo simples fato do diálogo, por mais cego que seja não existe puro jogo de acaso, porém já articulações de uma fala com outra".

O jogo do símbolo representa e organiza, em si mesmo, independentemente das particularidades de seu suporte humano, esse algo que se chama um sujeito. O sujeito humano não fomenta esse jogo, ele toma seu lugar e desempenha aí o papel dos pequenos mais e pequenos menos. Ele próprio é um elemento nessa cadeia, que, logo que é desencadeada, se organiza segundo leis. Assim o sujeito está sempre em diversos planos, preso em redes que se entrecruzam.

A dialética presença - ausência em sua relação com o par vida-morte reporta ao mito platônico de Er, onde Er é convocado pelos deuses para observar e ouvir tudo que havia no além, para, como mensageiro, voltar à terra e narrar aos homens o que vira.

O mito repleto de belas imagens evoca o acaso contando o modo pelo qual os homens se confrontam com a escolha de uma vida seguinte, quase como num jogo de apostas. *"Era digno de se ver este espetáculo, contava ele, como cada uma das almas escolhia a sua vida. Era realmente merecedor de piedade, mas também ridículo e surpreendente. Com efeito, a maior parte fazia a sua opção de acordo com os hábitos da vida anterior."*¹

Era Láquesis uma das Parcas, o passado, que colocava-os diante dos lotes atirados para que todos apanhassem a ordem destinada a escolher; *"Assim que todas as almas escolheram as suas vidas,*

avançaram, pela ordem da sorte que lhes coubera, para junto a Láquesis. Esta mandava a cada um o gênio que preferira para guardar a sua vida e fazer cumprir o que escolhera."²

E Lacan continua no Seminário 2:

"O símbolo surge no real a partir de uma aposta. A própria noção de causa, no que ela pode comportar de mediação entre a cadeia dos símbolos e o real, se estabelece a partir de uma aposta primitiva - Será que isso vai ser isso ou não?"

"A aposta está no centro de toda e qualquer questão radical que trate do pensamento simbólico. Tudo se resume no to be or not to be, na escolha entre o que vai ou não sair, no par primordial do mais e do menos, mas presença, assim como ausência, conotam ausência ou presença possíveis. Logo que o próprio sujeito chega ao ser, ele deve a um certo não ser sobre o qual ele ergue seu ser".

Prosseguindo as articulações sobre o seminário de 20 de março, é pertinente que tenha sido intitulado "A Carta Roubada e o Significante" na edição pirata brasileira, desde que Lacan produz aí uma trajetória da questão do significante, erigindo nesse contexto a problemática da fobia enquanto tal.

Lacan nos reporta a seu texto de 1954 sobre Poe, imprescindível para acompanharmos esse seminário. E o que lá encontramos é precisamente a problemática do significante e a maneira pela qual ele determina o jogo em cena, circuito em torno do objeto fálico, ora numa posição ora noutra em todo caso demarcando a repetição da cena enquanto que aponta na direção da estrutura.

Curiosamente demonstra no texto supracitado que em "A Carta Roubada" o que se passa em cada cena é uma repetição na qual se dá um rodízio das personagens ao redor do significante: a carta. Portanto é importante destacar aí uma questão clínica de grande valor, a saber, que a estrutura não se altera, repete a cena, no entanto o sujeito muda de posição.

Há ainda o que chama de passo mínimo, onde ao agrupar por 3 surge a lei. Alude então ao problema do acaso e utilizando recursos matemáticos, percorre exercícios de combinatória reveladores de que uma estrutura se mantém subliminarmente aos arranjos possíveis.

Assim de uma forma um tanto truncada parte da imagem de uma figura geométrica - o paralelepípedo - verificando um operador matemático que calcula sua área determinando a figura. Examina a existência de um jogo vetorial carente de uma ordenação tomada a princípio por uma lei arbitrária (a direção do primeiro vetor) para que seja possível o cálculo ou a composição da figura.

O que é humano é ordenado pela lei "que sai com o significante", distinguindo-se do animal.

A passagem para a dialética da intersubjetividade inaugura-se, pois, com a entrada do 3o elemento enquanto recurso à hiância proveniente da relação dual.

O que vem operar essa passagem do pré-édipico ao edipiano é da ordem da castração e Lacan discorre pelo caso de Hans tomando como questão a forma como esta é aí operada, encontrando-se assim no campo da Fobia.

Hans está diante da problemática do falo imaginário "que está em toda parte e em lugar nenhum".

"Tudo indica: ele imagina coisas, ele tece uma trama... Ele vai ao seu pai e, também o interroga sobre seu "faz pipi". E em outro dia no Jardim Zoológico observa com júbilo que o leão tem um "faz pipi". Noutra noite, observa a mãe ao se despir e diz: "Pensei que você fosse tão grande que tinha um pipi igual ao de um cavalo"³.

É nesse contexto de uma relação com a mãe, onde há um desenrolar-se aparentemente harmonioso "graças a uma espécie de liberalismo e até de laxismo educativo", que irrompe a fobia.

A questão que Lacan propõe sobre o que concerne a este hiato entre essa relação "tão simples, no fim das contas tão feliz", é a Fobia e: Onde está o inconsciente? Onde está o recalçamento?

E perlaborando sobre a não existência do recalçamento chega ao que se instala na sua ausência em torno dos jogos com o pênis - real.

A criança é tomada como uma metonímia do desejo do falo da mãe, o que implica que não é enquanto falófora que a criança é metonímica, é enquanto totalidade.

Essa diferença é que põe em jogo a angústia, relacionada ao que o menino pode auferir entre o porque é amado e o que pode dar.

Essa posição originária da criança em relação à mãe fundamentalmente imaginada como objeto de prazer contém um caráter de passividade.

"A partir do momento em que ela existe também como real, ela não tem muita escolha: evidentemente é certo que pode imaginar-se como fundamentalmente outra e rejeitada. Outra diferente em relação ao que é desejado e, como tal, fora do campo imaginário no qual a mãe podia até então satisfazer-se pelo lugar que ela ocupava".

O que aparece de início é a angústia: ele acorda soluçando com um sonho: "tu ias partir", diz ele ao pai, algo que é uma separação. E quando está separado da mãe, estando com outras pessoas, é que a angústia se manifesta.

O que há de certo é que a angústia aparece de início e se distingue da Fobia.

Lacan explora de maneira original o episódio sobre o sonho de Hans com Maridla, enfocando algo para além do ciúme da irmã.

Na ocasião desse sonho Hans tem 3 anos e 9 meses e aos 3 anos e 6 meses nasceu sua irmã.

Hans tem um sonho, pensa que está com a pequena Maridla, uma de suas coleguinhas. Ele conta o sonho, e, em seguida um comentário é feito sobre o sonho: "É engraçado que ele tenha sonhado que estava com a menina" ao que replica como retificação: "Não somente Maridla, sozinho com Maridla".

O que acentua este "somente sozinho" é que qualquer que seja a posição, a criança não está nunca só com a mãe.

A criança intervém como substituto, compensação em referência a este algo que falta à mãe; portanto, como saída dessa dimensão enganadora desmascarada, sobrevém a maturação genital real = o gozo masturbatório pela presença do pênis.

No jogo do engano constitutivo do imaginário abre-se uma fenda. A demanda da mãe é a regra do jogo; o falo é o objeto de desejo da mãe. Qual é então a função da criança para essa mãe?

O apego ao filho aponta seu lugar no desejo da mãe, metonímia em relação ao desejo do falo.

A angústia se produz frente ao jogo com o pênis real enquanto objeto de satisfação.

"Mas há uma coisa certa, é que há uma diferença radical entre dois sentimentos, entre este sentimento de angústia, na medida em que a criança se sente de repente ela mesma, como

alguma coisa que pode ser de repente completamente colocada fora do jogo. Certamente a irmãzinha prepara, e ao máximo, a pergunta, e repito, é sobre um fundo muito mais profundo que a crise se abre, que o chão desaparece sob os pés a partir do momento em que ela pode conceber que pode de repente não mais preencher de nenhuma maneira sua função, que ela pode não ser mais nada e que simplesmente não é nada além do que este algo que tem o ar de ser algo, mas que ao mesmo tempo não é nada, e que se chama uma metonímia".

"Hans vê-se, pois, precipitado, ou pelo menos precipitável, na sua função de metonímia. Imagina-se como um nada para conseguir, apesar de tudo, dizer esta palavra de uma maneira mais viva que teórica".

A Fobia opera na subjetividade da criança uma estrutura que coloca em primeiro plano a função de um interior e um exterior: A criança é relançada do interior da mãe. "A fobia instaura uma nova ordem do interior e do exterior, uma série de limiares começa a estruturar o mundo".

E Lacan conclui, dando ênfase ao estatuto primitivo da angústia, como um primeiro elemento na estrutura da neurose, o qual a fobia permite articular.

Depois de rondar os territórios da angústia e da fobia, situando o circuito que as relaciona no terreno da função paterna, retomamos aqui a tentativa de articular nesse ponto a questão do acaso.

O sentido desse encadeamento, obscuro na leitura de Lacan, é mesmo dar contas de algo que ele aborda e concomitantemente despreza.

Não há mais o que possa ser esclarecido a respeito do acaso. Há que pensar na sua relação com o efeito da lei que determina o resultado do jogo.

Aquilo que está compilado enquanto elementos do jogo, sujeitos ao "acaso", é o circuito edípico, onde a operação da castração determinará enquanto aposta o efeito de um certo acaso: a estrutura.

Afinal porque diante dos mesmos elementos da subjetividade discrimina-se uma neurose, perversão ou psicose?

Ainda no Seminário de Relação de Objeto posteriormente a esse de 20 de março Lacan afirma:

"É indicado na observação, como lhes mostrarei na próxima vez, que tudo o que acontece no momento em que se trata da calcinha materna indica, em, negativo, a via que Hans poderia⁴ ter seguido do lado do que acaba no Fetichismo. A pequena calcinha não está aí para outra coisa senão para nos apresentar que a solução poderia ter sido que Hans se fixasse nesta calcinha atrás da qual não há nada, mas sobre a qual ele poderia ter querido pintar tudo o que ele tivesse querido".

Este "poderia" tomemos como o lugar do acaso.

É em relação a esse momento conjuntural que temos a fobia enquanto resultado dessa aposta.

NOTA: As citações que não estiverem indicadas no texto ou em nota de rodapé pertencem ao Seminário de 20 de março de 1957.

¹ Platão - A República

² Idem

³ Freud - 1909.

⁴ o grifo é meu